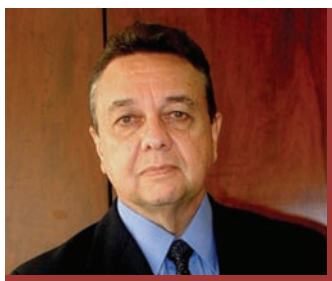


## Diário de bordo

## Salada completa



Roberto Rodrigues\*

DADOS DO prof. dr. Paulo Cesar Tavares de Melo, da Esalq, mostram que mais de 60% da produção brasileira de hortaliças está concentrada na pequena propriedade rural, especialmente de exploração familiar, com menos de dez hectares. Gera muito emprego, cerca de 4,5 por hectare, em média, e tem grande aproximação com a tecnologia orgânica.

Atualmente, o Brasil cultiva cerca de 800 mil hectares com hortaliças, com produção superior a 18 milhões de toneladas. Isso vem crescendo bastante, e só nos últimos dez anos a produção aumentou 35%. Há uma centena de espécies cultivadas, mas seis delas (tomate, batata, melancia, cebola, cenoura e batata-doce) respondem por mais de 60% de todo o volume produzido. Cerca de 75% da produção estão localizados no Sul/Sudeste, e os outros 25% no Nordeste e Centro-Oeste, que, por sua vez, abastecem a Região Norte, onde a produção é quase nula.

É uma atividade que exige capital intensivo e alta tecnologia, principalmente em função de problemas fitossanitários, mas, em compensação, pode oferecer excelente rentabilidade econômica por hectare cultivado: a renda chega a quatro ou cinco vezes mais que os cultivos convencionais.

Do ponto de vista do consumidor, as hortaliças são alimentos importantes, ricos em micronutrientes e fibras, com baixa densidade energética. Mas, o con-

sumo no Brasil ainda é abaixo dos níveis recomendados pela OMS, segundo a qual 6 a 7% da energia consumida deve provir de hortaliças. Estamos na metade da recomendação, e com uma importante diferença de consumo entre as famílias mais ricas e as mais pobres. Aquelas, de acordo com estudos do IBGE, consumiram 42 quilos por pessoa/ano em 2003, enquanto estas consumiram 15,7 quilos pessoa/ano. Na Itália, o consumo chega a 157 quilos pessoa/ano, nos EUA a 98,5 e em Israel, 73. No Brasil, o consumo no Sul e Sudeste é 60% superior ao das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Isso demonstra um enorme potencial de crescimento do consumo à medida que aumenta o poder aquisitivo. De outro lado, também aumenta a exigência por produtos frescos, com qualidade comprovada e boas características de apresentação e nutrição. Tais exigências vêm levando os produtores e supermercados a oferecer produtos diferenciados, com maior valor agregado, como alface americana, tomate italiano e saladete, brócolis de cabeça única, melões nobres, mini-melancias etc.

Como esse tipo de produto está mais desenvolvido lá fora, o saldo comercial brasileiro na área é negativo, pois importamos mais que exportamos, especialmente alho, cebola, batata e ervilha. Já estamos exportando melões, pimentas e pimentões, tomate, melancia, gengibre, cenoura, e condimentos.

A tecnologia vem apoiando o aumento da produtividade e a expansão da atividade, mas o seu sucesso ainda depende da solução de alguns gargalos antigos.

Um deles é a perda na pós-colheita, que chega a 35% em alguns produtos. Outro é o estabelecimento de canais de comercialização, o que exige um espírito associativista mais forte, desmontado com o fim das Cooperativas de Cotia e Sul Brasil. Embalagens padronizadas, certificação de produção e campanhas institucionais de consumo são temas igualmente recorrentes. E, é claro, a pesquisa e a extensão precisam seguir cumprindo seu papel. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

## O dragão da inflação



Cesário Ramalho da Silva\*

O AUMENTO dos preços dos alimentos ganhou a atenção da mídia no segundo semestre de 2007, permanecendo em destaque no noticiário do início do ano, especialmente pelo impacto nos índices de inflação.

Dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) indicaram que os preços dos produtos agropecuários responderam por 40% da inflação medida pelo IGP-DI em 2007, que subiu 7,89%, ante 3,79% de 2006. Outro importante indicador, o IPCA do IBGE, apontou alta de 4,46% na inflação do ano passado, com o grupo alimentos e bebidas respondendo por 2,21% do resultado.

Números, como sabem, não mentem, mas as análises deles, muitas vezes, podem trazer equívocos, como, por exemplo, imputar aos produtores rurais a responsabilidade pelo aumento dos preços dos alimentos.

O produtor é protagonista de um paradoxo. Ao mesmo tempo em que é o ator mais importante da cadeia produtiva do agronegócio, ou seja, dos alimentos, é o elo mais fraco, encurralado entre o poder financeiro de grandes grupos fornecedores de insumos, conglomerados agroindustriais e gigantes varejistas.

O produtor não tem influência na formação dos preços das principais *commodities* agropecuárias. Ele não “precifica”, é “precificado”, não se esquecendo ainda

de que produtos como milho, soja, trigo, café, suco de laranja, matérias-primas bases da indústria de alimentos, têm preços formados nas bolsas internacionais, suscetíveis às mais diversas variáveis globais de clima, oferta, demanda, vaivém das negociações nos mercados, entre outras questões.

Excesso de chuvas, prejudicial às lavouras de soja nos EUA repercute imediatamente nas cotações. O mesmo acontece se há uma forte estiagem na Argentina ou no Brasil.

A alta das cotações dos grãos em 2007 na Bolsa de Chicago, que foi de 57% em relação a 2006, foi motivada por um conjunto de fatores, como:

- Aumento da demanda mundial por alimentos, especialmente na Ásia;
- Uso de produtos agrícolas para produção de biocombustíveis;
- Influência dos biocombustíveis nos valores da soja;
- Seca nas plantações de trigo da Europa e Austrália;
- Picos de preços no mercado interno durante o período da entressafra.

Vale pontuar, ainda, que o avanço de 42% na cotação do petróleo em 2007, que acarretou o aumento no preço de fertilizantes e fretes, também refletiu nos preços dos alimentos.

Nesta temporada, os produtores darão nova demonstração de eficiência, pois deverão produzir uma safra recorde de aproximadamente 135 milhões de toneladas de grãos. Do ciclo 1990/91 até o de 2006/07, a área plantada aumentou apenas 20%, enquanto a produção cresceu 118%.

Será mais uma prova do esforço dos produtores para contribuir no combate à inflação. A oferta maior de grãos reduzirá a pressão inflacionária de 2008. Se houver alta, ela não será culpa dos produtores. É bem mais provável que a precária infra-estrutura, a asfixiante carga tributária, e as oscilações mercadológicas componham o prato do dragão da inflação. ■

\* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

## Opinião

# Boas práticas na cadeia cítrica



João Sampaio\*

**A**S PRÁTICAS agrícolas dizem respeito ao processo produtivo na linha do desenvolvimento sustentável, com respeito ambiental e social, para produzir alimentos seguros. Já o *fair trade* implica vender e comprar com base no equilíbrio econômico entre os vários agentes.

Como proposta para ampliarmos a abrangência da adoção de boas práticas, para qualquer momento e lugar da produção de um bem e serviço, tomaremos por base a citricultura. O Brasil representa 38% da produção mundial de laranja, sendo São Paulo responsável por mais de 90% das exportações brasileiras de suco de laranja, com o maior pomar do mundo, acima de 200 milhões de árvores.

Iniciamos um processo de aproximação entre os elos da cadeia, com reuniões entre produtores, indústria processadora, e os institutos de pesquisa agropecuária na Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Os conflitos dentro da citricultura paulista chegaram ao limite. Seus integrantes concluíram que não dava mais para prosseguir na toada do confronto.

Baseados na primeira lição das boas práticas, a transparência, iniciamos as conversas, centradas em três pontos:

- Confrontos do passado não condicionam um modelo de convivência no setor (a questão do Cade está fora);
- Necessidade de estimativa de safra conjunta;

- Estudos de modelos de formação de preços para o estabelecimento dos contratos.

Se resolvidos esses tópicos, a cadeia viverá um outro momento, com base no princípio das boas práticas. Ninguém dentro ou fora da citricultura discorda disso.

Formamos um grupo de trabalho técnico, composto por pesquisadores do IEA, Cepea (Esalq/USP), FGV e pelos representantes do campo e da indústria. Seu objetivo é finalizar uma proposta-padrão de divulgação de safra, modelos de convivência de compra e venda entre as partes e as bases do Foro do Conselho de Citros (nome ainda provisório).

Na Flórida (EUA), nosso maior concorrente na produção de laranja e suco, as placas dos automóveis identificam o estado como a grande região produtora de citros do mundo. Em São Paulo, apesar de ser o terceiro item no valor da produção agropecuária e das exportações do agronegócio, não se toca no assunto para evitar conflito. Temos de nos orgulhar de sermos a potência que somos na atividade e construirmos uma relação baseada em boas práticas.

A citricultura paulista é desenvolvida predominantemente pela classe média rural, que garante o emprego de 400 mil pessoas no campo e na indústria. Traz negócios para o setor de insumos, de serviços e para as cooperativas. Já mostrou capacidade de articulação e convivência com a criação do Fundecitrus, exemplo único no País de aliança do setor produtivo para a pesquisa e combate às doenças.

A meta do plano é chegar, ainda no primeiro trimestre deste ano, ao consenso no setor. Preparar muitas notícias para informar sobre a data anual para divulgação da estimativa de safra, o modelo de convivência contratual no setor, o seguro contra doenças, a negociação de contratos e opções na Bolsa. O passo seguinte é adotarmos a laranja como a fruta-símbolo das boas práticas. ■

\* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo